

O SUBSTANTIVO NO LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA À LUZ DA TEORIA FUNCIONALISTA¹

Gilmarques Lopes Gomes²
Eloíza de Oliveira Chaves³
Talles Antônio da Silva⁴

RESUMO

Este artigo objetiva compartilhar os resultados da análise de conteúdo, mais precisamente os substantivos, em dois livros didáticos de língua portuguesa, *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*, 2018 (LD1), do 6º ano do Ensino Fundamental II de Ormundo e Siniscalchi, *PLND de 2020 a 2023* e, *Tecendo linguagens: língua portuguesa*, 2018 (LD2), também do 6º ano do Ensino Fundamental II de Oliveira e Araújo do *PLND 2020 a 2023*. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, foram utilizados os pressupostos teóricos de Neves (2011), Travaglia (2011), Marcushi (2009), Kenedy e Martelotta (2003), entre outros estudiosos. Dentre os resultados, apontamos que LD1 se aproxima da abordagem funcionalista ao propor o estudo do substantivo, através de reflexões em atividades contextuais; em contrapartida, LD2 traz conceitos e nomenclaturas de forma unívoca para o alunado, sem considerar a interação e a reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: funcionalismo, gramática, interação, reflexão.

INTRODUÇÃO

Quando abordamos o ensino de português nas escolas, é possível que a maioria das pessoas possa associar de imediato ao ensino e aprendizagem da gramática. De fato, ela é parte essencial para a existência e funcionamento da linguagem, porém na discussão deste artigo, entenderemos que ela pode, não só dar vida à língua, como também maximizar os sentidos, a comunicação e a construção de sentidos para além de regras de funcionamentos e diretrizes regulatórias de um sistema linguístico.

A forma como se dá a abordagem do ensino de língua em sala de aula é extremamente importante para o docente, no que se refere as suas estratégias, planejamento e práticas de ensino, e para o discente, pois será o receptor de aprendizagem e absorverá o conhecimento

¹ Artigo produzido na disciplina Linguística Geral sob orientação do Profº. Drº. Francisco Eduardo Vieira, UFPB, feduardovieira@gmail.com

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino (MPLE) na UFPB, gilopes@gmail.com

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino (MPLE) na UFPB, eloisa_chaves@hotmail.com

⁴ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino (MPLE) na UFPB, tales.silvagestao@gmail.com

fornecido pelo docente e seus recursos metodológicos, a exemplo de recurso, temos o livro didático. Logo, percebemos a necessidade de discutir as diferentes abordagens linguísticas para um maior desenvolvimento e compreensão da língua.

Nesse sentido, temos como objetivo analisar a abordagem funcionalista dada ao substantivo nos livros didáticos selecionados, observando seu viés gramatical. Para tal possibilidade, escolhemos dois livros de 6º ano, de coleções diferentes na intenção de averiguarmos como ambos abordam a classe dos substantivos. São eles: *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* (2018), do 6º ano do Ensino Fundamental II de Ormundo e Siniscalchi, *PLND* de 2020 a 2023 e, *Tecendo linguagens: língua portuguesa* (2018), também do 6º ano do Ensino Fundamental II de Oliveira e Araújo do *PLND* 2020 a 2023.

METODOLOGIA

No tocante a metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, uma vez que realizamos pesquisas teóricas com base em material já existente, além de uma análise comparativa de dois livros didáticos como estudo de caso. Nesse sentido, nos amparamos em Neves (2011), Travaglia (2011), Marcushi (2009), Kenedy e Martelotta (2003), entre outros estudiosos. Esta pesquisa está dividida em três momentos. No primeiro, propõe-se uma discussão sobre o funcionalismo e ensino de língua, trazendo teorias e perspectivas que apresentam o funcionalismo, seus objetivos e aplicações no ensino de língua portuguesa. No segundo tópico, apresentamos uma discussão acerca do livro didático e suas perspectivas frente ao ensino da língua portuguesa. Já no terceiro momento, temos a análise comparativa dos livros didáticos selecionados, considerando o viés funcionalista como base para a comparação da abordagem do substantivo.

FUNCIONALISMO E ENSINO

O ensino da gramática desvinculada da situação de uso real da língua é uma questão de reflexão tanto para os pesquisadores quanto para os professores e alunos. Nesse sentido, entendemos que os fatos linguísticos são intrínsecos à língua, uma vez que contemplam as estruturas linguísticas que produzimos de forma que emitem sentido e, dentro de situações contextuais, também sabemos que esta ou àquela forma de nos expressar, exige adequação ao contexto de uso.

Nessa direção, refletimos a noção de função, cujo significado vai além da análise linguística propriamente dita, mas que desempenha funções partindo da organização das construções linguísticas dos falantes e a depender do contexto em que tais construções foram elaboradas, há de se analisar os diferentes sentidos que uma mesma frase ou palavra assume, dentro daquela situação real de uso. É o que revela Neves (2011) ao afirmar que a língua é dinâmica e deve ser vista em ação, em uso real no processo de interação verbal.

Nessa perspectiva, Furtado da Cunha e Tavares (2007, p. 157), defende que a linguística funcional “se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”. Para essa linha teórica, a língua, portanto, não é vista e aceita como um sistema autônomo.

Nesse viés, entendemos que ensinar língua através da abordagem funcionalista é possibilitar uma visão mais ampla, no sentido de, não a considerar apenas pelo seu aspecto estrutural e formal, mas adentrar na interação social considerando o seu contexto. Essa ampliação não desconsidera a gramática, ela faz parte do processo, porém agora ela não é usada em desconexão com as reais situações de uso. O pensamento de Marcuschi (2009) pode auxiliar na validação dessa ideia ao afirmar que é impossível um uso significativo da língua fora das interrelações pessoais e sociais situadas. Entendemos, assim como Marcuschi (2009), que o ensino da língua quando vinculado a uma perspectiva funcionalista, acaba trazendo mais significado ao processo de aquisição e desenvolvimento da leitura e escrita, visto que, a linguagem vai além de uma regra formal, solta e sem relação com a realidade.

Assim, Neves (2011), comenta que o papel desempenhado pela língua na vida dos falantes requer, em vez de um estudo pautado na própria língua como se esta estivesse aquém dos falantes, a competência comunicativa do falante, uma vez que o processo linguístico desempenhado por ele, reúne diferentes funções para exercê-las de acordo ao ponto de vista de quem o adota, ou seja, é um processo que considera falante e ouvinte.

Desse modo, esta abordagem de ensino, entende a importância para o aluno em perceber a língua como um espaço de reflexão e pensamento sobre o que está sendo estudado. Para isso, o docente precisa considerar a linguagem com base em seus propósitos discursivo-pragmáticos, fazendo conexão a práticas sociais situadas. É o que também afirma Neves (2011), ao dizer que, o que faz a língua ser aprendida é o uso, sem aprisionamento em regras estanques. Para a autora, as regras sociais da linguagem são importantes, e são um instrumento de avaliação na sociedade, no entanto, é necessário que o professor saiba ensiná-las para que o aluno saiba mover-se dentro delas.

Portanto, tendo a consciência de que o fenômeno linguístico é um processo e produto da interação humana e faz parte da construção sociocultural, concordamos com Thompson e Hopper (1980), que já na década de 1980, afirmavam que o ensino de língua portuguesa deveria passar a ser absorvido de maneira menos robotizada e promover mais sentidos para o educando, sendo fomentado a partir do uso da língua de maneira mais ativa. Desse modo, para a teoria funcionalista, a comunicação entre os indivíduos, transcorre da sistematização da língua e, portanto, temos a necessidade do ensino gramatical para que haja condições de interação e construção de significados frente aos múltiplos espaços, contextos e situações.

Logo, vemos a importância, no ensino de Língua Portuguesa, de unir os estudos gramaticais em atos discursivos, disseminando um ensino de língua mais estratégico, dinâmico e com espaço para os alunos de reflexão sobre a língua e suas aplicações nos mais variados usos, encarando-a como prática social e não como uma simples regra teórica obrigatória. É o que nos afirmam Kenedy e Martelotta, pois segundo eles,

A linguística cognitiva caracteriza-se por adotar alguns pressupostos contrários à tradição formalista. Entre esses pressupostos está, a ideia de que a significação não se baseia numa relação entre símbolos e dados de um mundo real de vida independente, mas no fato de que as palavras e as frases assumem seus significados no contexto, o que implica a noção de que os conceitos decorrem de padrões criados culturalmente. (KENEDY E MARTELOTTA; 2003, P. 22)

Furtado da Cunha e Tavares (2007), também defendem um ensino de língua como uma atividade social que faz parte do uso comunicativo diário que carrega significados e depende de cada objetivo e contexto específico em suas várias situações interacionais. Desse modo, vale destacar um fator que é uma importante ferramenta no processo de ensino e aprendizagem de língua: o material didático. Este ocupa um papel fundamental na disseminação de práticas leitoras, escritas e orais. Nesse sentido, cabe a reflexão de até que ponto, por exemplo, o livro didático promove o ensino de língua considerando a visão funcionalista. Uma discussão válida, visto que o material didático faz parte do planejamento e uso contínuo por parte dos docentes.

O LIVRO DIDÁTICO: ASPECTOS GERAIS PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ao trazer à tona as propostas de ensino, para língua portuguesa, baseadas no livro didático (doravante LD), é pertinente destacar que esse se configura como sendo em muitos casos, o material pedagógico mais acessível na escola, quiçá o único, que a maioria dos estudantes tem acesso ao conhecimento. No entanto, mesmo diante da relevância que tem o

Nesse sentido, Rojo (2012), citada por Rangel (2015, p. 19), afirma que o livro, mediante o contexto de ensino, tem se configurado como refém do currículo, que nas palavras da autora, enfraquece o ensino da língua, justamente por limitá-la a apenas um construto de palavras, que se transformam em frase, que por sua vez se transforma em texto, passíveis de análises que fragmentam a língua, resumindo-a a uma abordagem estrutural, que preza pelo uso do bem falar e escrever. Como aponta Furtado da Cunha e Tavares (2007, p. 14), ao dizerem que esta abordagem “desestimula a curiosidade intelectual dos jovens alunos”, que considera essa aprendizagem a mais difícil e de ser absorvida.

Infelizmente, muitos professores se apegam ao ensino isolado da gramática, prezando por metodologias tradicionais, cuja abordagem normativa se dá como predominante, não se permitindo a uma abertura que proporcione um ensino de língua que traga a gramática atrelada à discursividade e que preze pelo uso da língua em situações de interação. Como nos diz Travaglia,

[...] o conjunto de atividades de ensino/aprendizagem, formais ou informais, que levam uma pessoa a conhecer o maior número de recursos da sua língua e a ser capaz de usar tais recursos de maneira adequada para produzir textos a serem usados em situações específicas de interação comunicativa para produzir efeito(s) de sentido pretendido(s). A educação linguística permite saber as condições linguísticas da significação e, portanto, da comunicação, uma vez que só nos comunicamos quando produzimos efeito(s) de sentido entre nós e nossos interlocutores. (TRAVAGLIA, 2011, p. 24)

Nesse caso, de acordo com Travaglia (2011), vemos que nos livros didáticos há um predomínio de atividades que possuem o texto apenas como pretexto para se fazer análise linguística, quando percebemos de fato o que propõe o LD, vemos que além de conceitos desvinculados do uso e reflexão, tem-se uma parte específica para nomenclaturas ou retiradas de forma isolada de termos para que o aluno veja aquela abordagem e entenda algum assunto específico, sem fazer com que haja uma reflexão da nomenclatura que foi dada àquela palavra ou até mesmo uma discussão temática e social dos gêneros textuais que ali estão abordados.

A esse respeito, Kenedy e Martelotta, afirmam que o trato dado à língua em seu processo de ensino, deveria ser pautado em seu uso real, porque para os autores,

O pólo funcionalista caracteriza-se pela concepção de língua como um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações

comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical. (KENEDY E MARTELOTTA; 2003, p. 20)

Também Neves (2011), assume a necessidade de uma investigação gramatical que descreva o comportamento das diferentes classes gramaticais segundo a funcionalidade de seu emprego nos diferentes níveis e funções que atuam e exerçam. Porque para ela, a abordagem da gramática, já presente na língua, deveria ser para lapidar o que ele já sabe, desmistificar o pressuposto de que gramática é difícil e quase que inapropriada e inatingível. E assim o estudante passa a enxergá-la como uma ferramenta que apenas arranja os sentidos da língua.

Carneiro e Santos (2005), alertam que os professores devem estar preparados, não para excluir o LD de sala de aula, mas para refutá-los, discutir e avaliar. Segundo eles, é pertinente fazer escolhas que dialoguem com as metodologias que o professor utilize e mais, que tenham um aporte que favoreça os alunos e se aproxime de suas vivências com a linguagem. Portanto, sendo o LD uma das possibilidades de uso, é importante que seja avaliado, até mesmo para que sejam modificadas e complementadas algumas abordagens que não são contempladas nele.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Não é nosso objetivo discutir os diferentes modelos funcionalistas, mas sim, deixar claro que a abordagem que sustenta nossa proposta de análise gramatical nos livros didáticos apresentados, tem viés funcionalista, por entendermos, assim como Neves (2011), que a língua é um sistema adaptável, devido as acomodações comunicativas e cognitivas dos usuários e o ensino de gramática reflete esta acomodação e que, ensinar gramática é oportunizar ao aluno, a reflexão sobre os usos da língua, mostrando que esses usos moldam a gramática.

Entendemos, assim como Neves (2011), na apresentação de sua *Gramática de Usos do Português Brasileiro*, de que o que deve estar abrigado nos estudos gramaticais é uma língua viva, funcionando e exibindo todas as possibilidades de composição pelos usuários para a obtenção do sentido desejado, mostrando como se explicitam as regras que regem o funcionamento da língua, em todos os níveis, tomando como suporte para esta análise seu uso em textos reais.

Nessa direção, os tratados acerca do estudo da língua, mais precisamente, da classe de palavras, “substantivo”, se fazem presentes nos livros didáticos “*Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*” (2018), doravante LD1, de Ormundo e Siniscalchi, PLND de 2020 a 2023 e “*Tecendo linguagens: língua portuguesa*” (2018), doravante LD2, de Oliveira e Araújo do PLND 2020 a 2023, ambos do 6º ano do Ensino Fundamental II, adotados

respectivamente como primeira e segunda opções, no Município de Barra de Santa Rosa, Paraíba.

O LD1 está dividido em 08 capítulos, cada um deles, apresenta as seguintes seções: *Leitura 1; Leitura 2; Se eu quiser aprender mais; Textos em conversa; Mais da língua; Isso eu já vi; Conversa com arte e Leitura puxa leitura*. O estudo sobre o substantivo, é introduzido a partir do capítulo 04 na seção “*Mais da língua*”. Nele, os autores abordam o conceito, a classificação e a flexão. Eles continuam o estudo na unidade 05 fazendo referência aos termos que acompanham o substantivo como o numeral, o adjetivo e o artigo. No referido livro, apenas esses dois capítulos tratam da discussão e estudo sobre o substantivo.

Ormundo e Siniscalchi (2018), apresentam na unidade 04, antes de introduzir a conceituação do que seja substantivo, uma atividade (mostrada nos quadros abaixo) contendo seis questões para que a partir delas, o aluno possa refletir acerca dos nomes empregados no texto e chegar ao entendimento de que a nominalização das coisas se faz necessária para que entendamos o mundo à nossa volta e consigamos distinguir umas das outras. Ao fim da atividade, os autores partem do pressuposto de que os substantivos “nomeiam seres, objetos, lugares, instituições, ações, sentimentos, estados e conceitos.” (ORMUNDO E SINISCALCHI, 2018, p. 121).

Partindo desse conceito, Ormundo e Siniscalchi (2018) passam a abordar a ideia de funcionalidade do substantivo no uso da língua. Para tal reflexão, eles trazem outra atividade com cinco questões, nas páginas 123 a 127, que se inicia dizendo: “*para que servem os substantivos? Que relação existe entre o assunto tratado no texto e a função dos substantivos?*” Nesta atividade também está proposta a classificação dos substantivos em próprios e comuns; concretos e abstratos; simples e compostos; derivados e primitivos e os coletivos.

Cada definição parte de questões dos exercícios propostos nas páginas supracitadas, assim como das inferências feitas pelos alunos no decorrer de cada atividade, pois só ao final de cada exercício é que os autores apresentam a conceituação para cada tipo de substantivo. Contudo, segundo os autores, como mostra o quadro abaixo, o desenvolvimento das categorias primitivos e derivado; simples e composto, só serão desenvolvidos no 7º e 8º anos, pois, de acordo aos autores, é o momento propício.

Ainda no capítulo quatro, Ormundo e Siniscalchi (2018) trazem a ideia de flexão do substantivo. Segundo eles, sexo e gênero são equivalentes, pois o gênero é uma categoria gramatical que se estende a todos os substantivos, mesmo aqueles que não tem sexo, como os objetos e que o gênero do substantivo não depende da significação das palavras nem de sua terminação.

Para Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 129) a flexão de número do substantivo varia entre o plural ou singular e que em geral, “o plural é formado pelo acréscimo da desinência -s”, sem abordarem as demais possibilidades de formação do plural dos substantivos. Quanto a variação do grau, os autores dizem que os substantivos podem apresentar diferentes tamanhos como o normal, o diminutivo e o aumentativo. Também acrescentam que o “diminutivo, assim como o aumentativo, pode criar sentidos diferentes do que representa a palavra no grau normal” (ORMUNDO E SINISCALCHI, 2018, p. 121).

No capítulo 05, na sessão “*Mais da língua*”, Ormundo e Siniscalchi (2018) fazem uma abordagem sobre as palavras que acompanham os substantivos, usando a expressão: “Termos que acompanham os substantivos”. Eles iniciam com uma atividade reflexiva convidando os alunos a pensarem nas palavras que estão orbitando o substantivo “*lua*”. Após o exercício, eles dizem as palavras em torno deste substantivo são modificadores e podem ser substituídos por quaisquer outros.

A partir dessa reflexão eles trazem como modificadores do substantivo os adjetivos, os numerais e os artigos. No tocante aos adjetivos e numerais, são apresentados seus conceitos e suas variações de gênero, número e grau, assim como suas finalidades. Já com relação os artigos, além da classificação e da variação, também apresentam um quadro com os artigos *ao, à, do, da, no, na, pelo, pela, dum, дума, num e numa*, além de suas respectivas variações de plural. Segundo os autores, eles resultam da combinação entre as preposições e os próprios artigos.

O estudo acerca do substantivo, apresentado por Ormundo e Siniscalchi (2018), fica restrito aos capítulos, já citados. Também no final destes, os autores trazem uma atividade para “relembrar” o que fora discutido no decorrer dos capítulos. Nesta atividade, os autores apresentam umas notas em forma de boxes, do lado de algumas questões, orientando os professores a refletirem com os alunos alguns dos conceitos abordados.

O livro didático 2 (LD2) está dividido em 04 unidades com dois capítulos cada. Os capítulos se subdividem nas seguintes unidades: *Práticas de leitura; Trocando ideias; Reflexão sobre o uso da língua; Aplicando conhecimentos; Ampliando horizontes e Preparando para o próximo capítulo*. A abordagem feita sobre os substantivos começa na unidade 01, do capítulo 01, na sessão “*Reflexão sobre o uso da língua*”, onde de forma pragmática, Oliveira e Araújo (2018) iniciam e concluem as reflexões acerca do conceito, classificação e flexão.

Em Oliveira e Araújo (2018, p. 21), os estudos sobre os substantivos têm início a partir da leitura de um fragmento de dois períodos de “*O menino no espelho*”, de Fernando Sabino.

Após a leitura, elas convidam o aluno a observar as três palavras destacadas no excerto, afirmando que os vocábulos são substantivos. A partir daí, as autoras passam a conceituar dizendo que “substantivo é a palavra que nomeia seres, lugares, sensações, sentimentos, objetos e ações, entre outros elementos”. (OLIVEIRA E ARAÚJO, 2018, p. 21).

Na sequência, classificam os substantivos em *próprio e comum, concreto e abstrato, simples e composto, primitivo e derivado e coletivo*. Toda essa abordagem se efetiva através de uma apresentação conceitual, sem situações propostas para reflexões ou inferências para a construção do entendimento. Esta sequenciação classificatória e conceitual está compreendida entre as páginas 20 e 23 e, logo em seguida, segue uma atividade chamada “*Aplicando conhecimentos*”, cujo objetivo é levar o aluno a fazer uso dos conceitos apresentados.

Oliveira e Araújo (2018, p. 29) trazem que o substantivo sofre mudanças de gênero, número e grau. Elas afirmam que “o gênero de um substantivo não está relacionado apenas aos seres vivos, pois não está associado somente ao sexo masculino ou feminino”. Quanto a mudança de número, elas apenas sugerem dois exemplos e partir deles, sem definição, afirmam que um dos exemplos está no singular e o outro, no plural. A mesma abordagem é dada à flexão de grau, onde elas apresentam o aumentativo e o diminutivo através de dois exemplos.

Diferentemente de Ormundo e Siniscalchi (2018) onde os adjetivos, numerais e artigos são apresentados como modificadores dos substantivos, em Oliveira e Araújo (2018) estas classes são apresentadas no decorrer das unidades e capítulos sem que estabeleçam uma relação direta entre essas e os substantivos. Os adjetivos são trabalhados no capítulo dois, enquanto os numerais e artigos são trabalhados juntos no capítulo três.

Nesse contexto, entendemos que LD1 ao apresentar sua proposta de estudo para os substantivos, se aproxima dos princípios funcionalistas. LD1 leva o aluno a percorrer “um caminho”, refletir acerca da nomeação das “coisas”, ao trazer uma atividade que passo a passo, o conduz na construção da conceituação. Diferente de LD2, que aborda o aspecto conceitual na abertura da seção, sem permitir que haja um percurso reflexivo para esse entendimento. Assim, LD1 possibilita uma reflexão sobre o uso da própria língua, vendo seu funcionamento, os efeitos produzidos por ela, mesmo em se tratando de uma atividade conceitual e classificatória, induz ao pensamento reflexivo do uso da língua. Diferentemente de LD2 que apenas traz mais uma lição a ser feita de forma técnica e metalinguística.

Outro aspecto interessante a ser observado em LD1 é a proposta de discussão do aspecto funcional do substantivo. Ele leva, de forma sutil, os alunos a pensarem sobre a função do substantivo no contexto, pois, dependendo do uso, ele pode assumir funções diferentes. Neste contexto entendemos que a atividade proposta não busca apenas a uma classificação ou

No tocante aos aspectos de classificação dos substantivos, os livros analisados apresentam a mesma classificação como sendo *comum x próprio*, *simples x composto*, *abstrato x concreto*; *primitivo x derivado* e *coletivo*. Contudo, a abordagem do LD1 difere do LD2, pois desenvolve apenas o estudo dos substantivos *comuns e próprios*, *abstrato e concreto* e o *coletivo*, deixando os substantivos *primitivos e derivados*, os *simples e os compostos* para serem trabalhados no 7º e 8º ano respectivamente, enquanto o LD2 apresenta todas estas classificações de modo direto em apenas uma página, o LD1 problematiza através de atividades reflexivas sobre as escolhas linguísticas, a fim de que o aluno construa seu conhecimento.

Em contrapartida, entendemos que LD2 se aproxima de uma ideia de língua fragmentada. Em oposição a este pensamento, está LD1, ao não permitir reflexões para construção de significados, pois o estudo da classe substantivos é posto como algo meramente codificado em regras, apenas classificatório. Desse modo, entendemos assim como Neves (2011) que o caráter produtivo e construtivo da gramática é deixado à margem da própria língua, produzindo o entendimento de que estudar gramática é apenas seguir regras, copiar padrões e decorar, cerceando o aluno, sem dar-lhe espaço para criatividade linguística.

Com relação a flexão do substantivo, os livros analisados apresentam as mesmas variações de gênero, número e grau. Contudo, LD1 as apresenta de forma reflexiva e dinâmica. Nesse sentido, a abordagem proposta se faz presente na forma de atividades em que os alunos, seguindo o caminho proposto pelos autores, vão fazendo uso dos recursos linguísticos apresentados, construindo sentido. Assim, LD1 em detrimento a LD2, apresenta características que se aproximam de um viés mais reflexivo para o ensino de gramática, como o exigido pelo funcionalismo.

No tocante a relação do substantivo com outras classes de palavras, LD1 apresenta o adjetivo, o numeral e os artigos como sendo seus modificadores, estabelecendo uma relação de completude. Diante desta relação entre as classes, inferimos que se faz necessário um ensino de gramática que seja funcional, estimulante e desafiador, que liberte a palavra para incentivar a fluência linguística, que seja da língua das pessoas, calcada na interação verbal, interação que é linguística, mas também gramatical, como assevera Neves (2011).

Contudo, LD2 não apresenta esta mesma relação, não faz menção a classe dos substantivos ter orbitando em seu redor, determinantes. Ele aborda o adjetivo, o numeral e os artigos à parte, cada um numa seção específica sem estabelecer relação ao substantivo ou entre si. Nesse sentido, entendemos que na perspectiva de LD2, a língua deve ser ensinada através

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, percebemos que quanto a questão de tratamento do conteúdo “Substantivo”, foi visto que o LD1 teve uma abordagem mais acurada do assunto, pois não deu de imediato conceituações, fazendo com que os discentes se permitissem a seguir um percurso de estudo e descobertas na língua, para ao final terem de certo modo sistematizado o conteúdo de forma mais reflexiva, e evitando as questões de nomenclatura ou análise isolada de palavras para serem determinadas como substantivos, sabendo que é mediante o contexto que se pode definir o que de fato uma palavra vem a significar.

Nesse sentido, o LD1 apresenta o estudo sobre os substantivos fazendo com que os alunos pensem na nomenclatura não como um conceito já dado e preestabelecido, mas como uma situação a ser construída e entendido mediante contextos significativos. E tal proposta demonstra que o LD1 de certo modo se aproxima de uma visão funcionalista, que é o pretendido quando falamos de um ensino de gramática pautado no uso e interatividade e funcionalidade da língua.

Diferente da perspectiva do LD2, que aborda a questão da gramática por um viés de nomenclaturas, quando já de imediato no capítulo do livro traz o conceito de substantivo, sem ao menos aguçar do aluno uma curiosidade sobre a classe de palavras por meio de outras estratégias. Dessa forma, como visto, o livro trata de apresentar uma descrição da classificação do substantivo, seu gênero e número, e não traz a perspectiva do uso, fazendo com que o aluno não reflita tais situações, mas só venha a decorar conceitos e classificações para ser submetido posteriormente a provas, uma aprendizagem com um fim em si mesma.

Com isso, percebemos que o LD2 traz uma abordagem do assunto Substantivo de forma indutiva e sem norte para a reflexão. E para tanto, o professor ao perceber esse tipo de tratamento do assunto no livro, deve de certo modo, não deixar de trabalhá-lo, mas complementá-lo com uso de metodologias que oportunize os alunos um ensino de gramática pautado no funcionamento da língua, não é negar o tratamento de regras gramaticais, não é por esse viés, mas é apresentar ao aluno além de regras, questões voltadas para a língua em uso, perspectivas que o faça pensar na gramática em seu potencial interativo.

E por isso, essa análise contribui para que os professores, utilizem o livro didático como uma das possibilidades de mediação dos conteúdos, mas que ele não seja o norte da sua prática

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, M. H. da S.; SANTOS, W. L. P. dos; MÓL, G. de S. Livro Didático inovador e professores: uma tensão a ser vencida. Ensaio – **Pesquisa em Educação em Ciências**, V. 7, N. 2, dez 2005.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice. Funcionalismo e ensino de gramática. Natal: Edurfn, 2007.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v. 56, n. 2, p. 251-299, jun. 1980.

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariângela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, v., p. 17-28.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. Compreensão do texto: algumas reflexões. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (Org.). **O Livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática de usos de português. 2ª edição, São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Tânia Amaral; ARAUJO, Lucy Aparecida Melo. Tecendo linguagens: língua portuguesa, 6º ano. 5ª edição. Barueri, São Paulo, 2018.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristine. Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem, 6º ano. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2018.

RANGEL, Egon. Livro didático de Língua Portuguesa para a Educação Básica: problemas e perspectivas. In: BUNZEN, Clécio (Org.). **Livro didático de português: políticas, produção e ensino**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015. p. 07-15.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática ensino plural. São Paulo: Cortez, 2011.